



INDÚSTRIA DE CARNE I: BOVINOS
Cadeia produtiva, produção e mercado

Dezembro – 2019

Abstract geometric shapes in various shades of blue (light blue, medium blue, and dark blue) are located in the bottom right corner of the page, creating a modern, layered effect.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 3

2. PROCESSO PRODUTIVO 3

2.1 CADEIA PRODUTIVA DA INDÚSTRIA DE CARNE BOVINA 4

2.2 SISTEMA DE CRIAÇÃO A PASTO X SISTEMA DE CONFINAMENTO 5

2.3 VARIAÇÃO NO PREÇO 6

Box 1: Mercado Futuro do Boi Gordo x Boi a Termo 8

3. ELEMENTOS DE COMPETITIVIDADE 10

Box 2: Alguns conceitos do setor antes de iniciar as seções de Produção 11

4. PRODUÇÃO E MERCADO INTERNACIONAL 12

4.1 BOVINOS 13

5. PRODUÇÃO NACIONAL 16

5.1 EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS 18

5.2 MAIORES EMPRESAS DE CARNE BOVINA DO BRASIL 19

6. PRODUÇÃO CAPIXABA 22

6.1 INFORMAÇÕES ESTRUTURAIS DA CADEIA DA INDÚSTRIA DE CARNE BOVINA CAPIXABA 22

6.2 EXPORTAÇÕES CAPIXABAS 24

6.3 LISTAGEM DAS EMPRESAS CAPIXABAS DO SETOR 25

6.4 GARGALOS 27

6.4.1 Preço da arroba do boi ao produtor 27

6.4.2 Quantidade de frigoríficos cadastrados no SIE 28

6.5 HISTÓRICO DE FINANCIAMENTO COM O BANDES 29

6.6 SINDIFRIO-ES 29

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS 29

8. ANEXOS 30

Box 3: Indústria de carne no Brasil e consumidor pagam mais com exportação maior à China 30

Box 4: Como a história de um fazendeiro de Ohio explica as dificuldades de abertura comercial para a carne do Brasil nos EUA 32

9. REFERÊNCIAS 35

1. INTRODUÇÃO

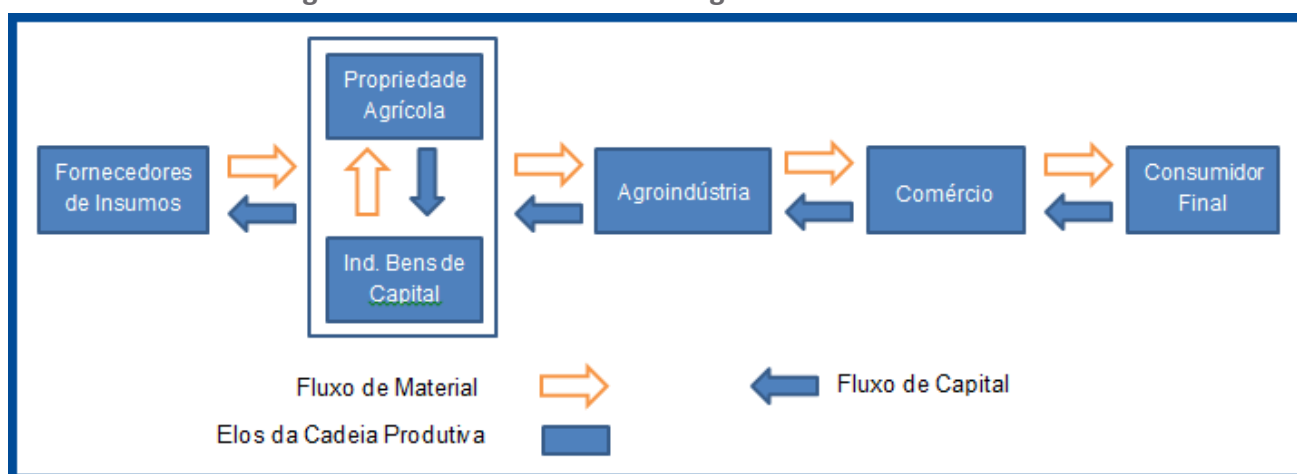
A indústria de carne bovina é um importante setor do agronegócio brasileiro que movimenta bilhões de reais por toda cadeia produtiva. Dada sua importância, apresentaremos um breve relatório dos principais elos produtivos do setor e fatores que o influenciam. Em seguida, elementos que aumentam a capacidade competitiva da empresa no mercado são expostos a fim de nortear as principais estratégias observadas nos maiores players do país.

A produção do setor é dividida em nível: internacional, nomeando os principais países produtores e exportadores do mercado; nacional, dados e movimentações do setor e as maiores indústrias de carne do país; e estadual, onde apresentamos dados estruturais da indústria bovina capixaba e seus representantes. Por fim, dois anexos apresentam notícias sobre uma dinâmica recente do setor e motivos que dificultam a entrada da carne brasileira no mercado norte-americano.

2. PROCESSO PRODUTIVO

A indústria de carnes faz parte da cadeia produtiva da agroindústria que está esquematizada na figura 1. Como mostra, a agroindústria depende diretamente da matéria-prima fornecida pela propriedade agrícola e das máquinas utilizadas para beneficiamento fornecidas pela indústria de bens de capital. Estes, por sua vez, necessitam de fornecedores de insumos como rações, vacinas, pesticidas, etc., no caso da propriedade agrícola, e de desenvolvimento tecnológico nas indústrias de bens de capital.

Figura 1 – Cadeia Produtiva da Agroindústria



Fonte: Tirado et al. (2008) apud Castro et al. (2002).

Os diversos bens produzidos na agroindústria são destinados ao comércio nas modalidades atacadista e varejista, e dessa forma chegam ao consumidor final. O objetivo deste item é apresentar uma breve menção à cadeia produtiva da agroindústria e os principais fatores que influenciam o desempenho da indústria de carne bovina.

2.1 CADEIA PRODUTIVA DA INDÚSTRIA DE CARNE BOVINA

A primeira etapa de produção da indústria de carne bovina se inicia com o pecuarista de corte, que por sua vez, demanda de outro setor insumos veterinários, alimentos, equipamentos, entre outros. Observa-se no ramo da carne bovina uma incipiente verticalização¹ da relação entre pecuaristas e frigoríficos, concentrada em grandes empresas do setor como Friboi, do grupo JBS.

A obtenção da carne para consumo interno e exportação ocorre na segunda etapa no âmbito da agroindústria, onde se observa o abate e o processo de extração da carne bovina dentro dos frigoríficos. Este, por outro lado, além de demandar produtos do pecuarista, consome também insumos de outros setores industriais como: bens de capital, fornecimento de máquinas e tecnologia; bens intermediários, energia, água, embalagens; e, bens de consumo como equipamentos de proteção individual. A terceira fase ocorre com a união dos processos de distribuição e consumo, na qual todos os produtos são destinados ao mercado interno e externo.

Figura 2 – Cadeia produtiva da carne bovina



Fonte: Embrapa

A figura anterior expõe visualmente a cadeia produtiva da carne bovina de forma a estabelecer um caminho desde a criação do gado bovino até a comercialização de seu produto. Como objeto de estudo, elementos que compõem o elo produtivo da agroindústria tomarão as discussões a partir desta seção. Entretanto, antes de prosseguir é necessário diferenciar os principais modos de criação de gado bovino e como o preço responde às variações sazonais características da produção.

¹ Estratégia que prevê que a empresa produzirá internamente tudo o que puder ou pelo menos tentará manter controle sobre todas as etapas produtivas.

2.2 SISTEMA DE CRIAÇÃO A PASTO X SISTEMA DE CONFINAMENTO

A tipificação dos sistemas de criação no Brasil se dá através das diferenciações no regimes alimentares e tecnológicos observados nas propriedades rurais.

- Sistema extensivo – regime exclusivo de pastagem e baixa tecnologia;
- Sistema semi-intensivo – pastagem mais suplementação em pasto e nível médio tecnológico;
- Sistema intensivo – pastagem e controle alimentar e/ou confinamento, observa-se elevado uso de tecnologia.

Os sistemas extensivos são caracterizados pela utilização de pastagens nativas e cultivados como únicas fontes de alimentos energéticos e protéticos, que estão disponibilizados no pasto da propriedade rural onde o gado é criado livremente. Entretanto, essas pastagens são normalmente deficientes em diversos elementos necessários ao bom desenvolvimento do gado de corte, o que indica uma dependência das características climáticas de sua região.

O sistema semi-intensivo reserva semelhança com o sistema anterior no que se refere ao ambiente de criação do gado em pasto. No entanto, neste sistema é visualizada uma espécie de suplementação alimentar para o rebanho a fim de complementar a baixa disponibilidade nutricional do alimento em pasto. Tem-se observado na pecuária brasileira uma migração da criação a pasto livre no sistema extensivo para o sistema semi-intensivo, ao notar uma maior produtividade de carne relacionada a uma dieta nutritiva e balanceada.

O sistema intensivo se caracteriza pelo maior controle da alimentação do gado onde o produtor rural é quem determina a composição alimentar do gado de acordo com suas necessidades e preferências no que concerne o ganho de peso e a saúde do seu rebanho. Este sistema intensivo é observado em seu extremo no que é chamado de sistemas de confinamento.

O sistema de criação de gado bovino por confinamento é caracterizado por manter o gado bovino em sua maior parte do tempo confinado em galpões recebendo de forma controlada a alimentação. Uma das vantagens deste sistema é o menor tempo entre cria e abate do gado bovino. A técnica de confinar bois deve ser usada de forma estratégica como: aproveitar melhor os recursos da propriedade fazendo sistema de integração lavoura-pecuária; aliviar o uso do pasto em épocas de seca; aumenta a rotatividade dos animais na fazenda, considerando-se o menor período entre nascimento e abate; maior controle de qualidade da carne ofertada; diminuir os custos com mão de obra e em geral; entre outras vantagens. No entanto, implantar um sistema de criação bovina por confinamento requer um investimento inicial elevado e capital de giro disponível para os gastos diários de alimentação e operacionalização do sistema.

A tabela a seguir expõe o custo médio de produção em fazendas de ciclo completo em seis níveis de tecnologia em 2018 de acordo com a ABIEC. Observa-se que quanto maior o nível tecnológico utilizado na propriedade rural maior os seus gastos com nutrição, corretivos e fertilizantes, reprodução. No entanto, esse aumento de gastos é compensado com a queda dos custos de depreciações e funcionários na propriedade rural. Apesar disso, o custo total é menor nas unidades de baixa e média tecnologia. Entretanto, a produtividade realizada nos

sistemas de alta tecnologia e intensivo que apresentam média de produção de 22 e 32 @/ha, respectivamente, compensam os maiores custos.

Figura 3 – Custo médio de produção em fazendas de ciclo completo por níveis de tecnologia

Ciclo Completo - R\$/@ COMPOSIÇÃO DE RESULTADOS	Extrativista 1 - 3 @/ha	Baixa Tec 3 - 6 @/ha	Média Tec 6-12@/ha	Adequada 12-18@/ha	Alta Tec 18-26@/ha	Intensivo 26-38@/ha
Nutrição	15,54	18,40	22,90	36,66	40,38	46,40
Programa sanitário	3,69	3,75	4,07	3,95	4,14	3,79
Corretivos e fertilizantes	0,00	4,69	19,77	20,86	25,39	23,93
Defensivos agrícolas	0,00	6,47	3,79	2,74	1,44	0,80
Combustíveis e Lubrificantes	13,37	8,04	7,34	6,73	6,53	6,03
Reprodução	0,00	1,10	3,96	7,67	8,06	7,24
Funcionários	22,56	20,10	14,85	11,02	9,28	7,26
Manutenções	18,56	8,91	6,24	6,11	5,41	4,16
Administrativos	2,26	2,01	1,48	1,10	0,93	0,73
Energia elétrica	0,67	0,40	0,37	0,34	0,33	0,30
Depreciações	51,91	29,01	21,11	12,07	9,08	6,40
Custos operacionais totais	128,55	102,89	105,86	109,25	110,96	107,03

Fonte: ABIEC. Beef Report 2019.

2.3 VARIAÇÃO NO PREÇO

A criação pecuária no Brasil é, majoritariamente, feita pelo sistema extensivo onde predomina a utilização de nutrientes do pasto para alimentação dos animais. Nesse sistema, o gado é criado solto pela propriedade rural podendo receber como forma de suplementação da dieta alimentos como sal proteinado, entre outros. Sendo assim, o processo de engorda do boi depende da qualidade e abundância do alimento presente no solo e este, por sua vez, é determinado pela incidência de chuvas na propriedade rural.

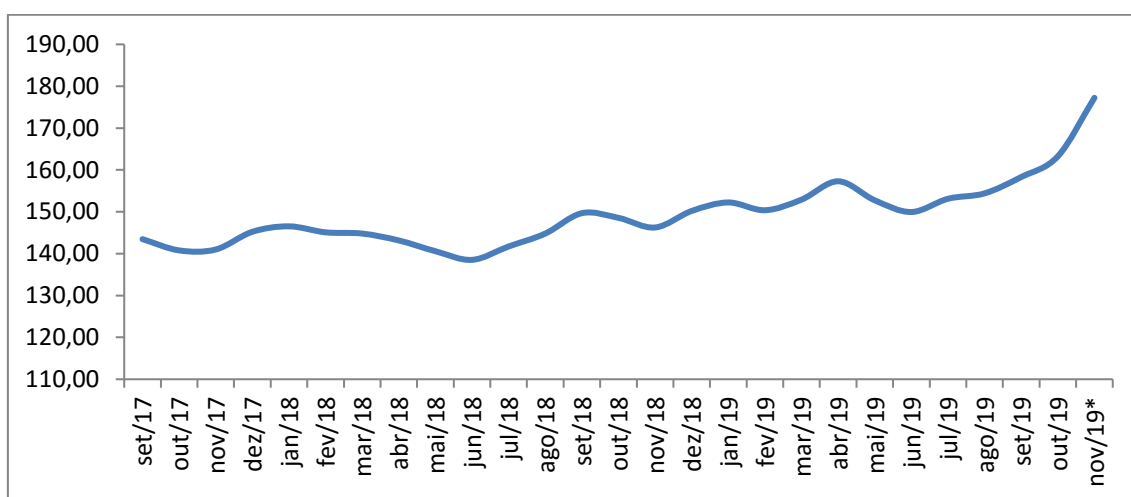
A sazonalidade anual dos preços do boi gordo está ligada ao período de chuvas e seca na propriedade rural que irá influenciar na criação do gado de corte. O fim do verão, e consequente, estiagem das chuvas ao final de março afeta a qualidade e quantidade de capim no pasto. Assim, nesse período começa uma corrida de abate de cabeças de boi com o começo da seca na produção rural, quando o produtor precisa diminuir a quantidade de bois por área de acordo com a queda da disponibilidade de alimento. Como consequência, há uma queda do preço do boi gordo ocasionado pela maior oferta no mercado.

No período seguinte, chamado de entressafra, em decorrência do movimento dos pecuaristas no período anterior, há uma menor oferta de boi no mercado que implica num aumento do preço do boi gordo. Portanto, observa-se ao longo do ano uma variação sazonal nas cotações do boi decorrentes das estações do ano. Nos últimos anos tem-se observado um aumento do

número de bois abatidos provenientes do sistema de produção intensivo em confinamento. Esse aumento do número de bois em confinamento tem diminuído a variação sazonal dos preços por arroba bovina em função da menor influência das estações na criação bovina. Tal expansão desse sistema observada nos últimos tempos foi possibilitada pelo aumento da produção de grãos no centro-oeste brasileiro, alimentos este incluído nas rações alimentares do boi². Mostra-se, assim, que a produtividade do complexo de grãos no país reflete diretamente nos custos da produção e, portanto, no preço do gado bovino tanto em confinamento como a pasto, que usam de alguma forma suplementação alimentar a base de grãos.

Além disso, há outros fatores que podem vir a influenciar nos preços do boi no mercado como: aumento dos custos de transporte; doenças que podem acometer os animais; escândalos políticos com participação de granes frigoríficos, como a operação “Carne Fraca” em 2017; choques de demanda interna e externa; entre outros.

Gráfico 1 – Média mensal das cotações do preço da arroba do Boi Gordo, em reais R\$



(*) – Média das cotações disponíveis até a data 12/11/19.

Fonte: Cepea/Esalq. Elaboração própria.

O gráfico anterior expõe a média mensal dos preços da arroba do boi, em R\$/15kg, de acordo com o indicador Cepea da Usp. Observa-se que até junho de 2018 há uma manutenção do nível dos preços entre R\$/140,0 e R\$/150,0. No entanto, após esse mês o preço do boi gordo mostra uma tendência à elevação que se intensifica no segundo semestre do ano de 2019. Acontece que desde o início do surto da Peste Africana na China, está acontecendo um aumento das exportações de carne bovina para o país asiático (box 3), intensificado em 2019 com a liberação de 17 frigoríficos aptos para exportações. Além disso, esse fato coincidiu com o período de entressafra no país, onde existe uma menor oferta de animais para o abate. Dessa forma, a junção desses fatores justifica a alta mais recente dos preços do boi.

² <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/1963460/e-epoca-de-confinamento>

Box 1: Mercado Futuro do Boi Gordo x Boi a Termo

O mercado futuro de Boi Gordo foi criado para funcionar como uma espécie de garantidor de preço, oferecendo proteção ao investidor em meio às oscilações do mercado de renda variável.

Na prática, o Boi Gordo Futuro garante que compradores e vendedores de boi conseguirão negociar seus ativos a um determinado preço até determinada data. Este tipo de derivativo é essencial para diversos segmentos dos setores econômicos relacionados com a pecuária de corte: da mesma forma que pecuaristas precisam garantir um preço justo pela venda de seu rebanho, de modo que consigam ao menos cobrir os custos relacionados à criação de gado, exportadores e distribuidores de carne bovina, além de fabricantes de produtos derivados desta commodity, precisam garantir um preço justo pela compra de arrobas de boi, de modo a obterem lucro com suas operações. Por outro lado, diversos investidores utilizam o Boi Gordo Futuro apenas para fins especulativos, buscando lucrar com a oscilação deste ativo no Mercado BM&F¹.

O mercado do Boi a Termo foi criado pelos frigoríficos e é uma maneira do pecuarista comercializar sua produção antecipadamente antes dos animais estarem prontos para o abate, assim como no mercado futuro.

A diferença entre os dois mercados é que no mercado a termo o pecuarista negocia seus animais diretamente com o frigorífico, definindo não apenas o valor da arroba, mas também a quantidade de animais e o dia do abate dos mesmos. Pois ao contrário do mercado futuro, no mercado a termo o pecuarista tem que fazer a entrega física dos animais.

Os frigoríficos desenvolveram o boi a termo baseado no mercado futuro e com isso acabam levando este tipo de mercado para mais pecuaristas. Estes dois mercados estão muito atrelados por que quando o frigorífico compra uma determinada quantidade de animais para serem abatidos alguns meses a frente, o mesmo deverá se proteger na bolsa vendendo o mesmo volume de arrobas que ele comprou do pecuarista.

Na prática o frigorífico tem que se proteger na bolsa contra uma queda na arroba do boi gordo. Quando ele compra um boi para ser abatido no futuro, a indústria não pode correr o risco de quando chegar o dia do abate ela ter a possibilidade de comprar um animal mais barato do que ela pagou para o pecuarista. Se a arroba está mais barata, provavelmente a carne também estará e assim a indústria terá prejuízo ao ter comprado esse boi antecipadamente.

Ao comprar animais a termo, a indústria no mesmo momento vende a mesma quantidade no mercado futuro, assim se a arroba do boi cair de preço ele irá receber a diferença da bolsa. É por este motivo que o preço que a indústria passa para o pecuarista quando ele quer vender seus animais a termo para determinado mês é o mesmo preço que a bolsa está precificando para aquele determinado período.

Então os pecuaristas que desejarem vender seus animais no mercado a termo devem também acompanhar o mercado futuro para saberem quanto poderão receber pelos seus animais. O mercado a termo pode ser uma ótima forma do pecuarista já travar o preço que irá receber pelos seus animais no futuro. Mas são poucos os frigoríficos que fazem este tipo de operação e diferente do mercado futuro, os pecuaristas são obrigados a entregarem seus animais para o frigorífico ao qual ele negociou.

Os frigoríficos maiores e que possuem este tipo de negociação também se beneficiam deste tipo de mercado, pois conseguem antecipadamente completar suas escalas de abate e não ficam tão dependentes em comprar animais todos os dias para completar suas escalas.

Alguns pecuaristas são contra a este tipo de mercado, pois acham que os frigoríficos quando estão com as escalas praticamente cheias com boi de termo, pressionam o mercado para baixo, derrubando os preços da arroba. Então neste caso seria mais interessante o pecuarista negociar seus bois pela bolsa, pois assim ele garantiria a proteção de preço para seu rebanho e poderia negociar seus animais com qualquer frigorífico no dia de abater.

Se as indústrias frigoríficas utilizam o mercado a termo como uma estratégia de pressionar os preços nas épocas de maior oferta, reforça o nosso conselho para os pecuaristas também formarem suas estratégias de comercialização para não ficarem a mercê do mercado. Esta estratégia deve estar balizada na utilização do mercado futuro na bolsa, no mercado de opções ou mesmo no mercado a termo².

Tais informações foram extraídas dos artigos:

1: <https://br.advfn.com/investimentos/futuros/boi-gordo>

2: <http://sites.beefpoint.com.br/multitrade/2013/08/14/boi-a-termo-x-mercado-futuro/>

3. ELEMENTOS DE COMPETITIVIDADE

Alguns fatores estruturais da indústria de carnes estabelecem ganhos de competitividade que permitem às empresas ampliarem e sustentarem suas posições no mercado. Em seguida, algumas práticas observadas na indústria de carnes como essenciais no ambiente concorrencial:

- **Economia de Escopo:** quando a produção conjunta de dois produtos por parte de uma única empresa é maior do que a produção que seria obtida por duas empresas diferentes, cada uma produzindo um único produto. Isso implica na redução no custo conjunto na produção de diferentes produtos, a partir do benefício da utilização de ativos e fatores de produção comuns, mesmo know-how e marca para vários produtos. Isso pode ser observado entre as empresas líderes do setor de carnes, que migraram parte de sua produção a uma diversificação de produtos relacionados no mercado.
- **Marketing-Embalagens:** as empresas que adotam a diversificação de produtos também investem no desenvolvimento de embalagens que cumprem os requisitos básicos e também chamam atenção pelo seu aspecto estético, ao passo que as empresas que atuam em mercados onde a competição via preço predomina, procuram obter custos de produção baixos. Assim, a diferenciação de produto no mercado também ocorre através de atividades de marketing e do lançamento de produtos para determinados segmentos de mercado. As empresas líderes do setor procuram sempre fortalecer sua imagem mediante propagandas divulgadas na televisão, redes sociais, jornais, e etc.
- **Verticalização:** é definida como uma estratégia empresarial em que toda produção de sua cadeia produtiva, seja em qualquer nível, está sob responsabilidade da empresa. Isso se aplica na indústria de carnes onde a empresa detém controle desde a criação de seus animais até a distribuição de seus produtos finais. As críticas ao processo de verticalização rodeiam o aumento de custos e a possível perda de eficiência na produção chave da empresa, ocasionada pela ocorrência de problemas gerenciais ligados ao aumento do limite territorial da empresa. Entretanto, a integração vertical permite o maior controle de aspectos de biossegurança e qualidade da carne, que são essenciais na indústria que estamos tratando. Dessa forma processos de verticalização são observados tanto em empresas líderes do setor como JBS, Brasil Foods (BRF) e Marfrig, como em empresas seguidoras, situação que se acentua no setor avícola.

Box 2: Alguns conceitos do setor antes de iniciar as seções de Produção

- **Carcaça:** entende-se por carcaça o bovino abatido, sangrado, esfolado, eviscerado, desprovido de cabeça, patas, rabada, glândula mamária (na fêmea), verga, exceto suas raízes e testículos (no macho). Após a sua divisão em meias carcaças, retiram-se ainda os rins, gorduras peri-renal e inguinal, “ferida de sangria”, medula espinhal, diafragma e seus pilares.



- **Rendimento médio de carcaça:** é a relação entre o peso do animal a ser abatido (vivo) e o peso da carcaça expresso em porcentagem. O rendimento de carcaça é determinante sobre o custo de produção e sobre a rentabilidade da atividade de engorda, seja de animais terminados a pasto ou em confinamento. Vários fatores interferem sobre este: grupo, genético, grau de acabamento da carcaça, idade, jejum pré-abate e nível energético da dieta. Por exemplo, à medida que o animal aumenta de peso e deposita mais gordura de cobertura, o rendimento de carcaça aumenta. (Beef Point)
- **Confinamento:** é um sistema de criação bovina intensivo onde o gado é separado em lotes e criados em área restrita (piquetes, currais, baias). Os animais são alimentados por meio de cochos, com dieta controlada, buscando-se os melhores resultados produtivos.
- **TEC- Tonelada Equivalente Carcaça:** forma encontrada de padronizar toda a produção industrial em carcaças bovinas.
 - 1 Kg de carne em carcaça = 1 Kg de equivalente carcaça;
 - 1 Kg de carne desossada = 1,3 Kg de equivalente carcaça;
 - 1 Kg de carne industrializada = 2,5 Kg de equivalente carcaça.
- **Desfrute:** é a quantidade abatida sobre o total do rebanho brasileiro, classifica-se aparente ao contabilizar o abate de matrizes. A taxa de desfrute mede a capacidade do rebanho em gerar excedente, ou seja, representa a produção (em arrobas ou cabeças) em um determinado espaço de tempo em relação ao rebanho inicial. Quanto maior a taxa de desfrute, maior a produção interna do rebanho.

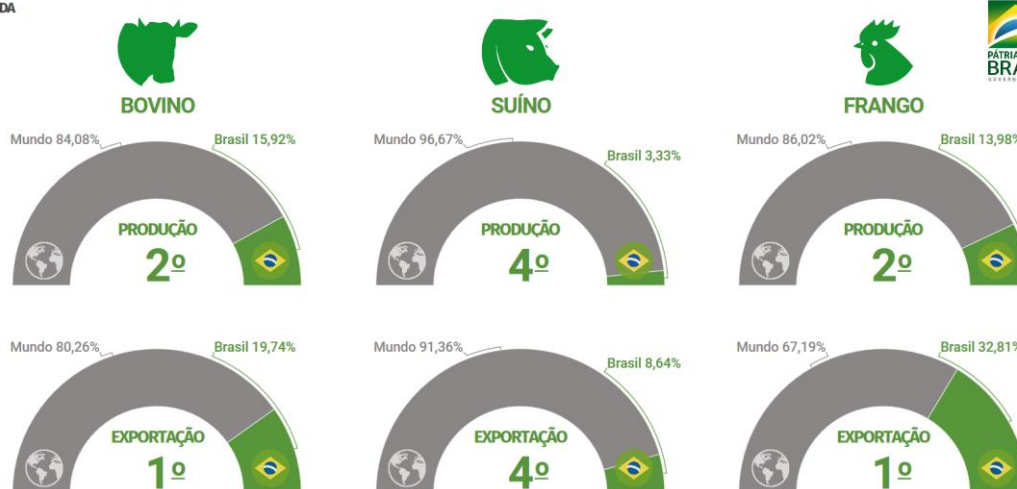
4. PRODUÇÃO E MERCADO INTERNACIONAL

O Brasil detém grande participação do mercado mundial de carnes e isso é só possível dada sua vasta produção dos três tipos mais consumidos no mundo: carnes bovina, suína e avícola. A figura e a tabela a seguir tratam dos principais números referentes à produção mundial de carnes.

Figura 4 – Participação da produção brasileira no mundo

Participação da produção brasileira no mundo - 2018

*Em % da participação mundial em produção e exportação
*Fonte: USDA



Fonte: Embrapa.

Tabela 1: Maiores produtores de carne bovina, suína e de aves em 2018

	Carne Bovina (milhões de toneladas)		Carne de Frango (milhões de toneladas)		Carne Suína (milhões de toneladas)	
1º	EUA	12,28	EUA	19,00	China	54,04
2º	Brasil	9,90	Brasil	13,37	U.E	24,30
3º	U.E	7,91	U.E	12,00	E.U.A	11,94
4º	China	7,32	China	11,70	Brasil	3,76
5º	Índia	4,30	Índia	4,60	Rússia	3,15
6º	Argentina	2,95	Rússia	4,00	Vietnã	2,80
7º	Austrália	2,30	México	3,50	Canadá	1,93
	Sub-Total	15,91	Sub-Total	24,28	Sub-Total	11,13
	Total	62,87	Total	92,45	Total	113,05

Fonte: Farmnews / USDA.

4.1 BOVINOS

Apesar da expressiva participação do Brasil na produção mundial de carnes, como visto na tabela anterior, essa produção brasileira poderia alcançar números muito melhores se a produtividade brasileira por cabeça de gado se elevasse. A figura abaixo mostra o número de cabeças de gado bovino por países.

Figura 5 – Maiores rebanhos bovinos do mundo, em milhões de cabeça.

País	2017	2018	Var.	Var. %
Mundo	995,34	1.001,84	6,5	0,7%
Índia	303,60	305,00	1,40	0,46%
Brasil	226,04	232,35	6,31	2,79%
China	99,17	96,85	-2,32	-2,34%
EUA	93,70	94,39	0,69	0,74%
UE	89,15	88,44	-0,71	-0,80%
Argentina	53,51	53,76	0,25	0,47%
Austrália	24,97	25,50	0,53	2,12%
Rússia	18,63	18,38	-0,25	-1,34%
México	16,49	16,58	0,09	0,55%
Turquia	14,22	14,50	0,28	1,97%

Fonte: FarmNews / USDA.

Os EUA têm apenas o quarto maior rebanho, porém é o maior produtor de carne bovina do mundo ao produzir 2,38 milhões de toneladas de carne a mais que o Brasil, que por sua vez, detém aproximadamente 138 milhões de cabeças bovinas a mais que os EUA. Isso reflete a eficiência produtiva dos criadouros bovinos estadunidenses, que difere da criação do gado brasileiro em diversos pontos³ como: raça, modo de reprodução, aplicação de hormônios⁴, técnicas de criação e diferentes formas de ração e silagem. As tecnologias utilizadas na propriedade rural em relação à genética, nutrição e manuseio do animal contribuem para que os EUA possuam tamanha produtividade de carne por cabeça de gado.

Destaca-se também a Índia, país que possui o maior rebanho e é somente o quinto maior produtor de carne bovina do mundo. Essa baixa produtividade decorre de características da sociedade indiana em que em boa parte de seu território é proibido o abate bovino, sendo permitido somente o abate de búfalos que possuem um rendimento médio por carcaça menor que os bois. O quantitativo expresso na tabela 2 é composto tanto por bovinos (vacas e bois) quanto por bufalinos (búfalos).

O Brasil é maior exportador de carne bovina e avícola do mundo em termos de quantidade (kg). Entretanto, é apenas o terceiro maior exportar quando nos referimos ao faturamento destas, ficando atrás de EUA e Austrália. Isso ocorre pela qualidade/sanidade reconhecida

³ Disponível em: <https://www.comprerural.com/as-diferencas-do-confinamento-brasil-x-eua/>

⁴ Leia mais em: <https://www.sna.agr.br/liberacao-de-hormonios-para-bovinos-ainda-causa-controversias-diz-cientista/>

mundialmente e tipo de corte que as indústrias de carnes destes países proporcionam a mercados exigentes, como a União Europeia.

Os EUA obtém o maior faturamento nesse mercado e ainda se estabelece como maior importador, com uma estimativa de 1,4 toneladas no ano de 2019. Como pode um país ao mesmo tempo produzir tanto, exportar e importar o mesmo produto? Isso decorre da busca por maiores lucros no setor pecuário, onde a resposta está no tipo de carne exportada e importada.

A carne bovina exportada pelos EUA é de alto valor agregado e atende mercados como Japão, Hong Kong, Coreia do Sul e Canadá. Agora para entendermos o motivo das importações é preciso se atentar da força das redes de *fast food* no país, onde a demanda por hambúrguer é alta. A produção do hambúrguer requer adição de carne magra, encontrada principalmente em vacas de descarte e touros. No entanto, a produção interna de carne magra é insuficiente, o que faz com que a demanda por essa carne seja preenchida por importações de países como Nova Zelândia e Canadá. Dessa forma, os EUA apresentam bastante eficiência no quesito comércio internacional de carne, já que exporta cortes de alto valor agregado e importa cortes baratos, para atender a indústria de *fast food*.⁵ Diferentemente, o Brasil segue a lógica contrária. O valor médio por kg da carne exportada é menor do que os cortes importados. Entretanto, isso acaba por não refletir na balança comercial já que a quantidade importada é consideravelmente menor que a exportada, como observado na tabela abaixo.

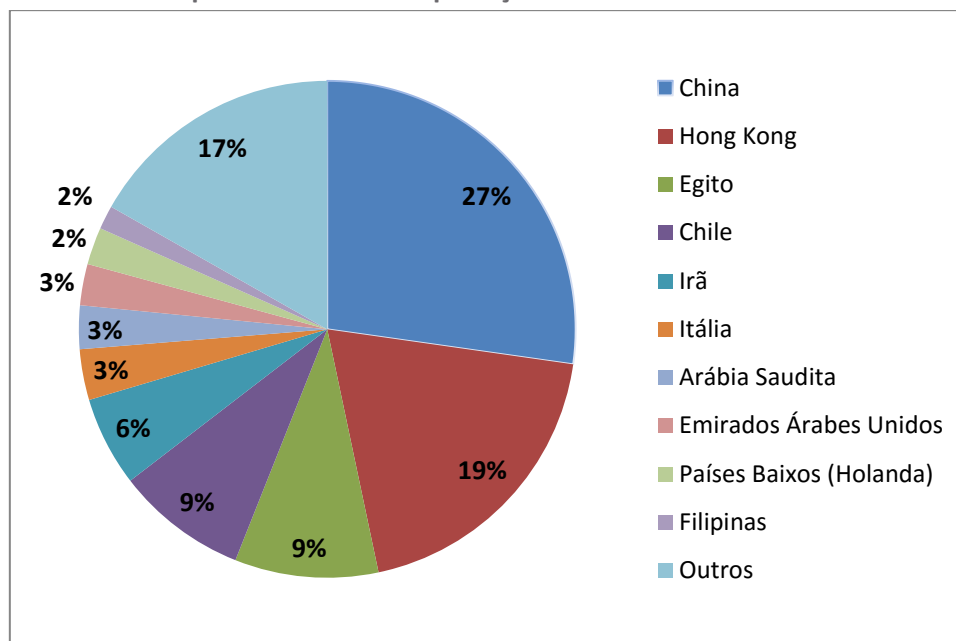
Tabela 2: Exportações e Importações brasileiras de carne bovina 2014-2018						
Ano	EXPORTAÇÕES		VM*.	IMPORTAÇÕES		VM*.
2014	Valor FOB (US\$)	5.734.263.188	4,72	Valor FOB (US\$)	388.692.528	6,67
	Kg Líq.	1.216.172.252		Kg Líq.	58.297.932	
2015	Valor FOB (US\$)	4.628.114.753	4,32	Valor FOB (US\$)	256.429.379	5,87
	Kg Líq.	1.071.611.915		Kg Líq.	43.699.122	
2016	Valor FOB (US\$)	4.344.815.101	4,04	Valor FOB (US\$)	244.149.417	5,19
	Kg Líq.	1.076.041.514		Kg Líq.	47.082.178	
2017	Valor FOB (US\$)	5.069.890.532	4,20	Valor FOB (US\$)	262.551.835	6,53
	Kg Líq.	1.206.367.381		Kg Líq.	40.177.624	
2018	Valor FOB (US\$)	5.455.789.464	4,03	Valor FOB (US\$)	227.080.681	6,61
	Kg Líq.	1.353.540.319		Kg Líq.	34.339.420	
(*) - Valor Médio US\$/Kg Líq.						
Fonte: ComexStat. Elaboração própria.						

O gráfico a seguir trata dos principais destinos da carne bovina brasileira, onde os 10 principais países representam 83% das exportações. Há de salientar que o Brasil não exporta para os EUA, que como foi mencionado anteriormente, é o maior importador de carne bovina do mundo. As negociações de venda com os estadunidenses se prolongaram por cerca de 15 anos, quando em 2015 os produtores brasileiros puderam começar a exportar para o país, que no entanto, durou pouco mais de dois anos.

⁵ Disponível em: <http://www.farmnews.com.br/historias/carne-bovina-11/>

Em junho de 2017, os EUA suspenderam a compra de carne bovina brasileira porque 11% do produto ficaram abaixo dos testes de qualidade e a média global aceitável é de 1%. Em março de 2019, o governo brasileiro em uma viagem aos EUA, solicitou ao governo norte-americano que retirasse o veto às importações de carne bovina do Brasil. No entanto, esse pedido não foi atendido.

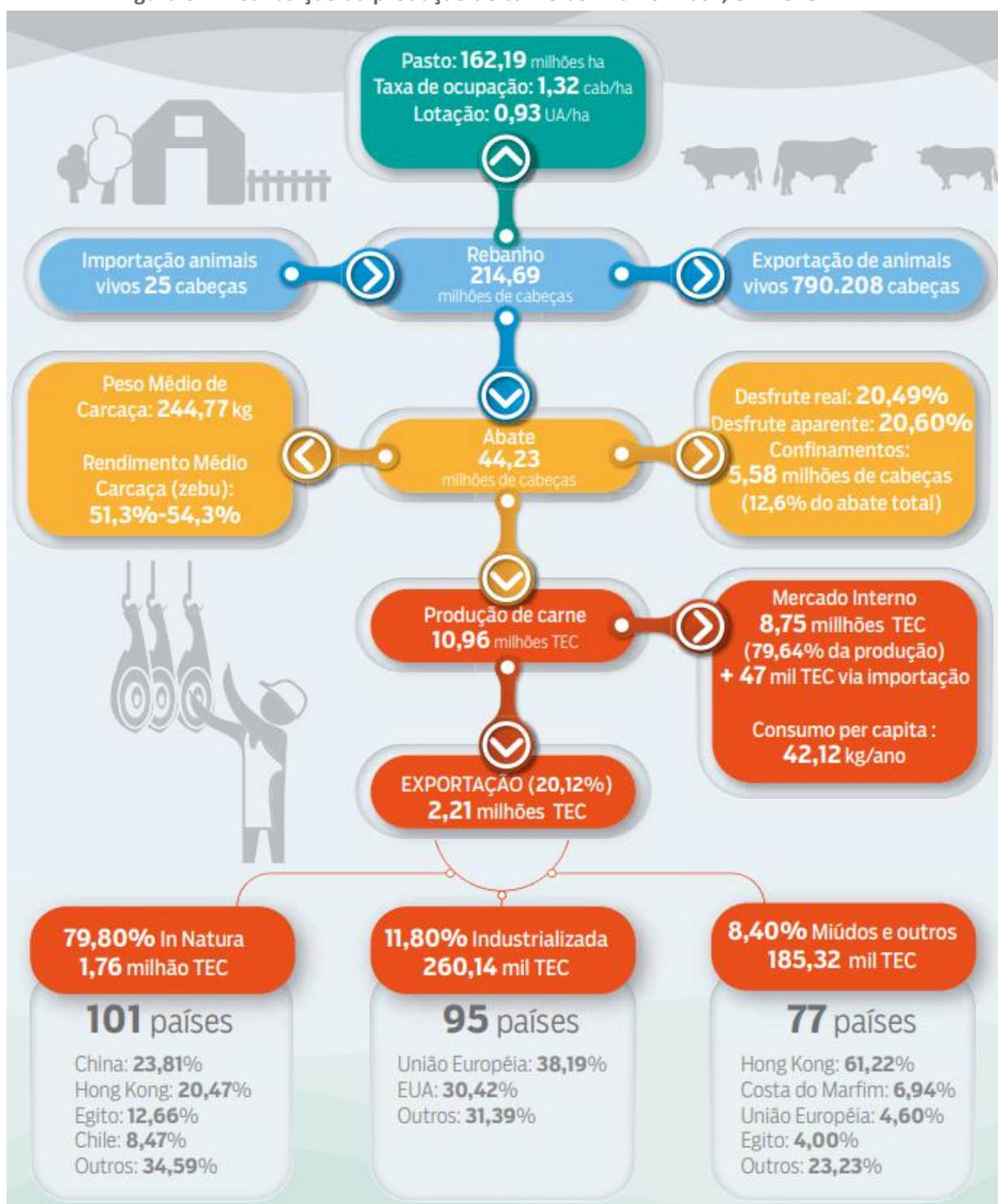
Gráfico 2 – Principais destinos das exportações brasileiras de carne bovina em 2018



Fonte: ComexStat. Elaboração própria.

5. PRODUÇÃO NACIONAL

Figura 6 – Distribuição da produção de carne bovina no Brasil, em 2018



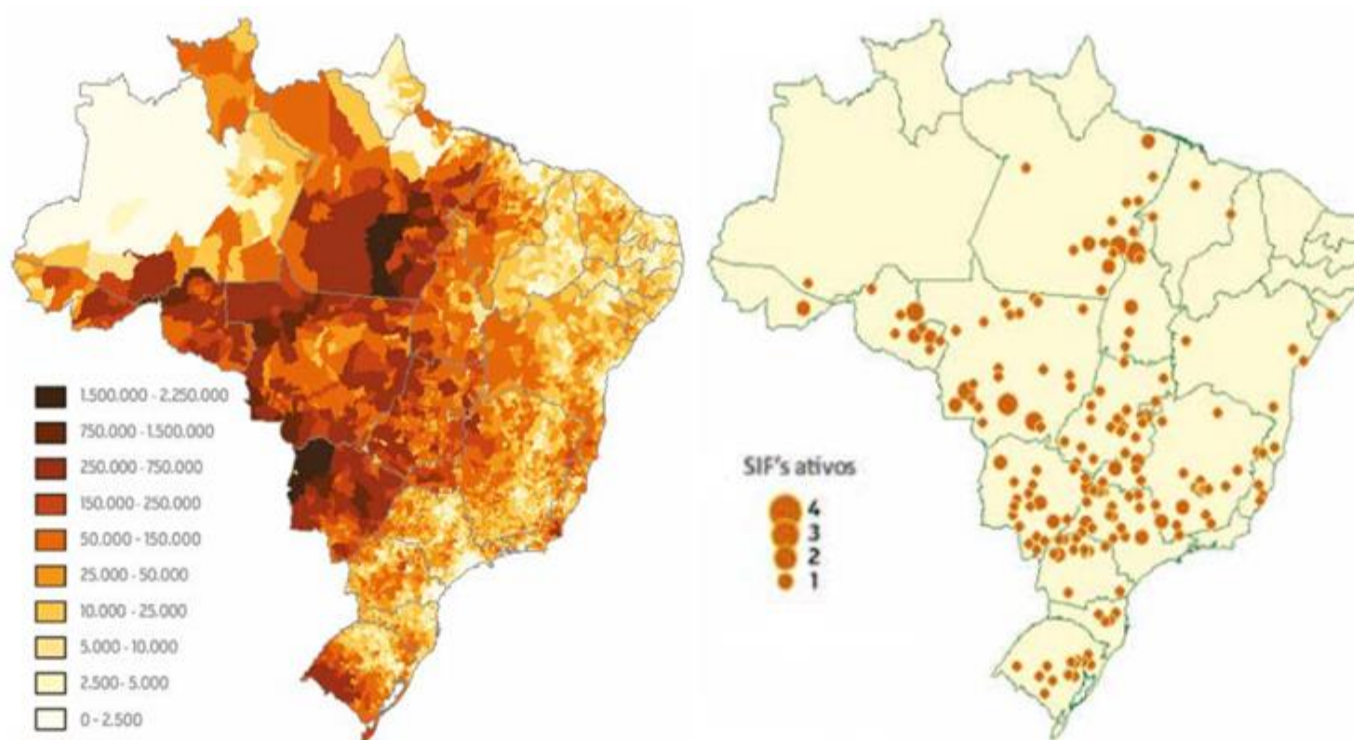
Legenda: TEC – Tonelada Equivalente de Carcaça.

Fonte: ABIEC – Beef Report 2019.

Segundo publicação da ABIEC, o PIB da pecuária somou R\$ 597,22 bilhões em 2018, 8,3% acima do resultado obtido em 2017. Dessa forma, o PIB pecuário elevou para 8,7% sua participação no PIB total brasileiro. Esse valor, que inclui desde os insumos utilizados na produção do gado, investimento em genética, faturamento dos animais até o total comercializado pelas indústrias e varejos, é o maior já registrado nos últimos dez anos. Parte desse crescimento deve-se ao bom resultado no faturamento dos frigoríficos, que somou R\$ 144,9 bilhões, crescimento de 16,2% ante o registrado no ano anterior, impulsionado principalmente pelo aumento das exportações do setor e pelo mercado interno. (ABIEC, 2019)

Em 2018 foi registrado um aumento de 6,9% no número de abates, que chegou a 44,23 milhões de cabeças. Consequentemente, houve crescimento no volume de carne bovina produzida, com um total de 10,96 milhões de TEC, 12,8% acima de 2017, total este que cerca 20% é destinado à exportação. A imagem abaixo expõe a distribuição do rebanho bovino pelo país (à esquerda) e as localidades das empresas (à direita) de carnes registradas no Sistema de inspeção Federal. Sistema este que possibilita às empresas a comercializarem seus produtos fora de seu perímetro estadual.

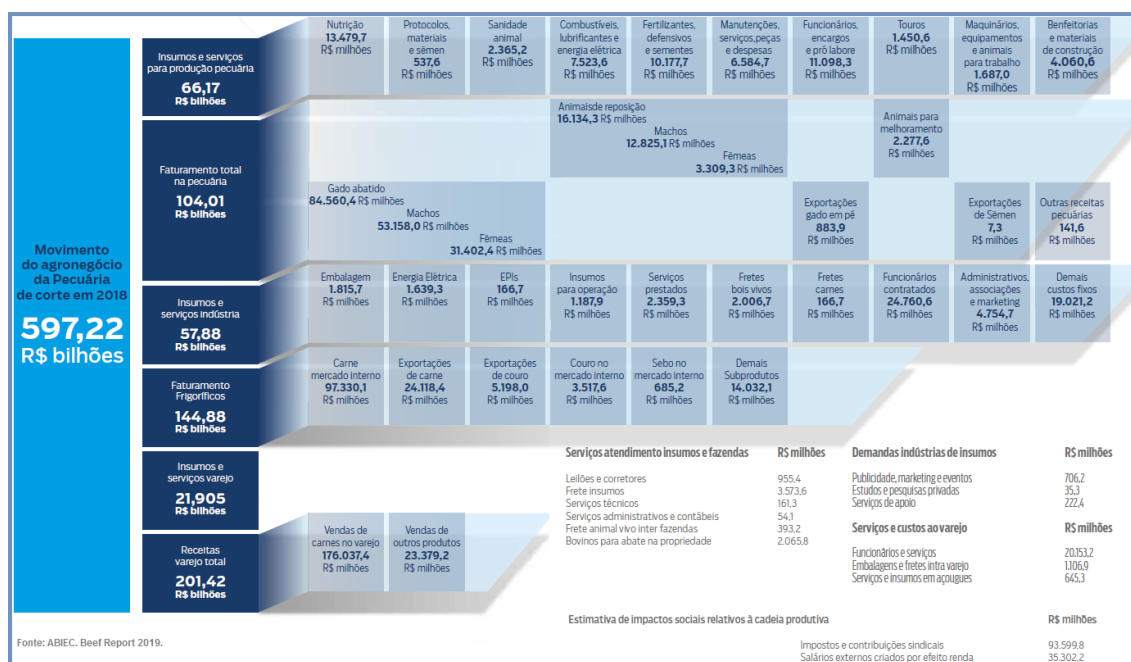
Figura 7 – Localização do rebanho de gado bovino e indústrias da carne registradas no sistema SIF, 2018



Fonte: Beef Report. ABIEC.

A página a seguir apresenta um quadro retirado do relatório Beef Report 2019, da ABIEC, onde expõe a movimentação financeira de todos os setores à jusante e à montante da pecuária de corte brasileira no ano de 2018.

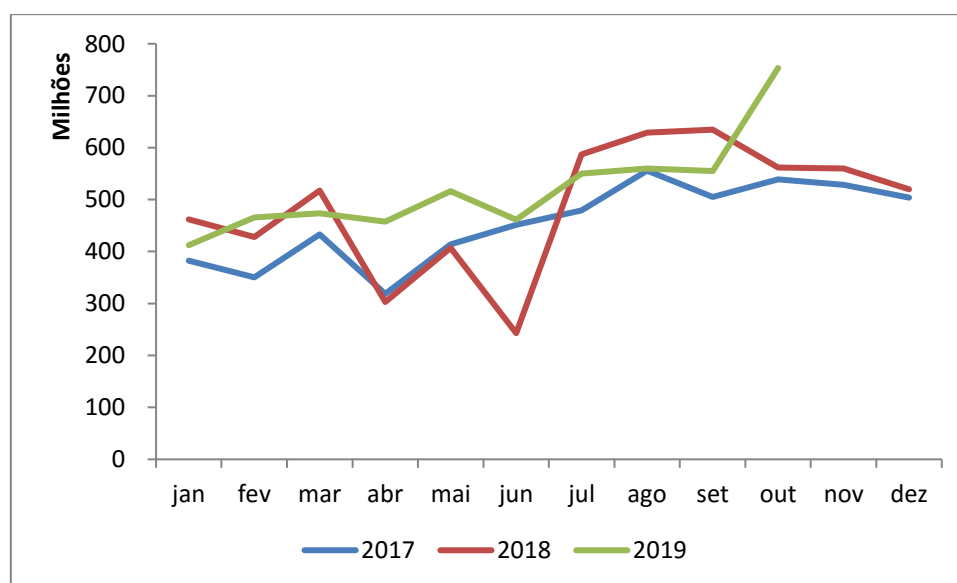
Figura 8 – Movimentação financeira das atividades relacionadas à pecuária de corte em 2018



5.1 EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS

O gráfico a seguir mostra as exportações mensais de carne bovina no período de 2017 a outubro de 2019 em valor FOB (US\$). O agregado de 2019, janeiro a outubro, mostra uma expansão de 9,0% e 17,5% comparativamente ao mesmo período de 2018 e 2017. Tal expansão se acentua no mês de outubro e as projeções para novembro e dezembro também são favoráveis para os frigoríficos exportadores.

Gráfico 3 – Exportações brasileiras de carne bovina, em valor FOB (US\$)



Fonte: ComexStat. Elaboração própria.

Em assunto muito veiculado na mídia, o principal causador desse aumento das exportações brasileiras em período mais recente é dado pelo aumento demanda chinesa da carne brasileira. Como mencionado na seção 2.3, o rebanho suíno – principal carne consumida no país - chinês está desde 2018 sofrendo com a Peste Suína Africana e o consequente aumento do seu preço está fazendo com que o chinês migre seus hábitos de consumo para outros tipos de carne e, consequentemente, os exportadores de carne bovina brasileira se beneficiam⁶.

Em anexo, há a exposição de uma notícia do G1 onde o presidente da ABIEC (Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne) relata os mais recentes desafios que a indústria nacional exportadora ou não está enfrentando com as movimentações do mercado.

5.2 MAIORES EMPRESAS DE CARNE BOVINA DO BRASIL

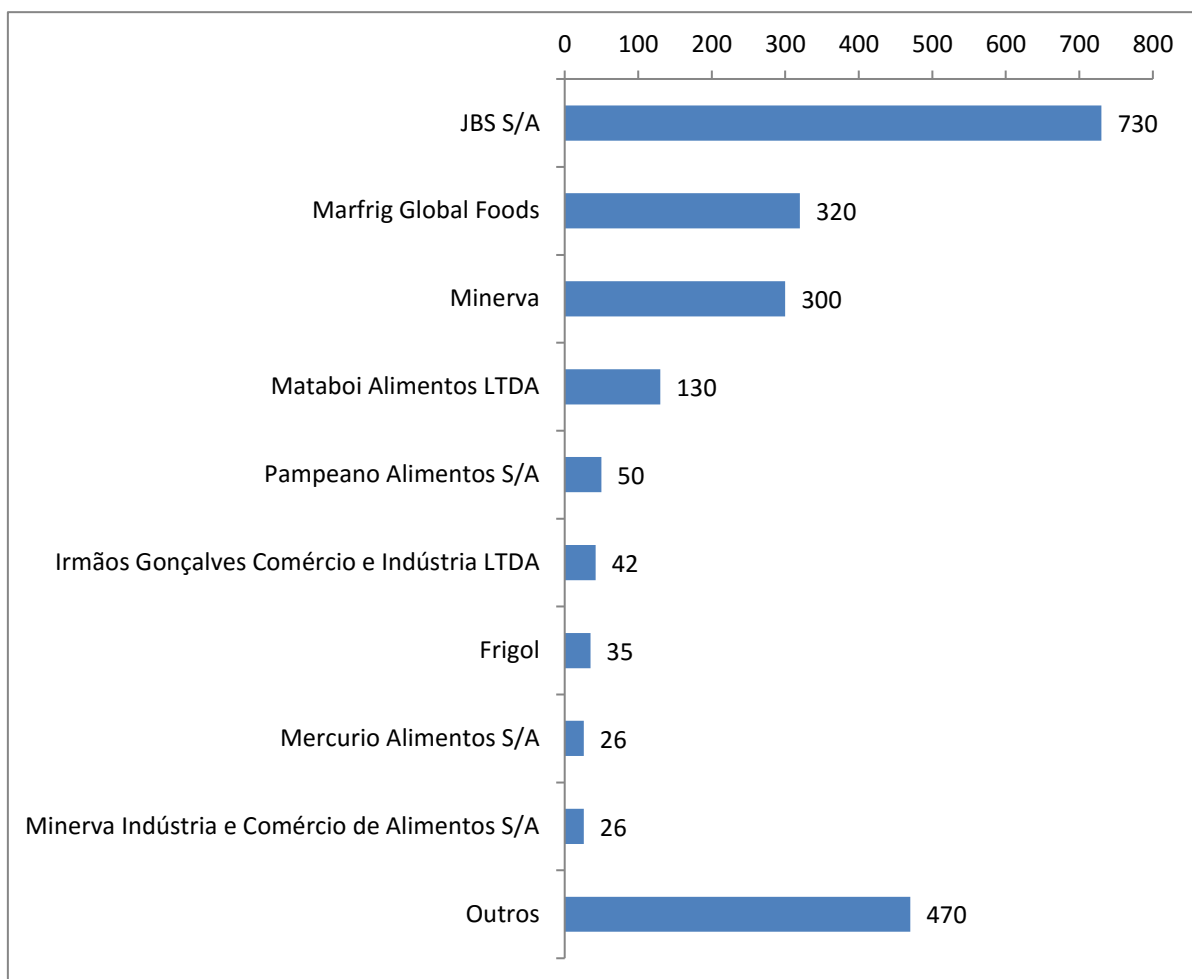
Com interesse em qualificar as maiores empresas do setor de carne bovina foi utilizado a plataforma Trase⁷, fundado pela parceria entre o Instituto Ambiental de Estocolmo e a Global Canopy. O gráfico 4 expõe os principais exportadores de carne bovina no país e revela a predominância das exportações de carne bovina pelas marcas do grupo JBS, destas, duas se destacam: Friboi e Swift.

A Marfrig Global Foods aparece como segunda maior exportadora no país e é dona da marca Pampeano Alimentos que aparece em 5º lugar no ranking. A empresa Mataboi Alimentos, 4º maior exportadora, pertence ao grupo JBJ de José Batista Júnior, filho do fundador do grupo JBS.

⁶ Leia mais em: <https://www.epochtimes.com.br/peste-suina-na-china-aumenta-exportacoes-de-carne-de-porco-no-brasil/>;
<https://g1.globo.com/economia/agronegocios/noticia/2019/09/23/importacoes-de-carne-de-porco-pela-china-aumentam-40percent-em-um-ano-por-conta-da-peste-suina.ghtml>

⁷ Em seu site, é exposta a metodologia de contabilização dos dados e razões que justificam diferenças entres os mesmos e dados oficiais de cada país. Portanto, com o objetivo de estimar a participação e nomear as principais exportadoras, os dados disponibilizados nessa plataforma cumprem com propósito desta seção.

Gráfico 4– Principais empresas brasileiras exportadoras em 2017, em mil toneladas



Fonte: Trase.earth.

GRUPO JBS



O grupo JBS possui uma das maiores plataformas de produção e distribuição de produtos alimentícios do mundo. Sua capacidade de processamento é de 45 mil cabeças por dia em 36 unidades de abate, processamento e industrialização de produtos e 12 centros de distribuição pelo país.

Realiza comércio Boi a Termo com os pecuaristas desde 2004, onde firmam um acordo de compra e venda de bovinos, definidos os valores e condições comerciais, data e quantidade de arrobas a serem entregues futuramente.

O grupo também realizou processos de verticalização ao operacionalizar três unidades de confinamento nas cidades de Guaiçara (SP), Terenos (MS) e Lucas do Rio Verde (MT), com capacidade estática de 46 mil cabeças.

MARFRIG GLOBAL FOODS



A Marfrig é a segunda maior produtora de carne bovina do mundo, em capacidade. Seu modelo de negócios é formado por 24 unidades primárias de processamento, 12 unidades de processamento e 10 centros de distribuição.

Com uma força de trabalho de mais de 30.000 funcionários, a empresa atua nos segmentos de foodservice, varejo e processamento de alimentos, oferecendo soluções inovadoras, seguras e saudáveis. Lançou uma linha de hambúrguer vegetal em 2019 que será base do Rebel Whopper, um lançamento da empresa de fast food Burger King.

MINERVA FOODS



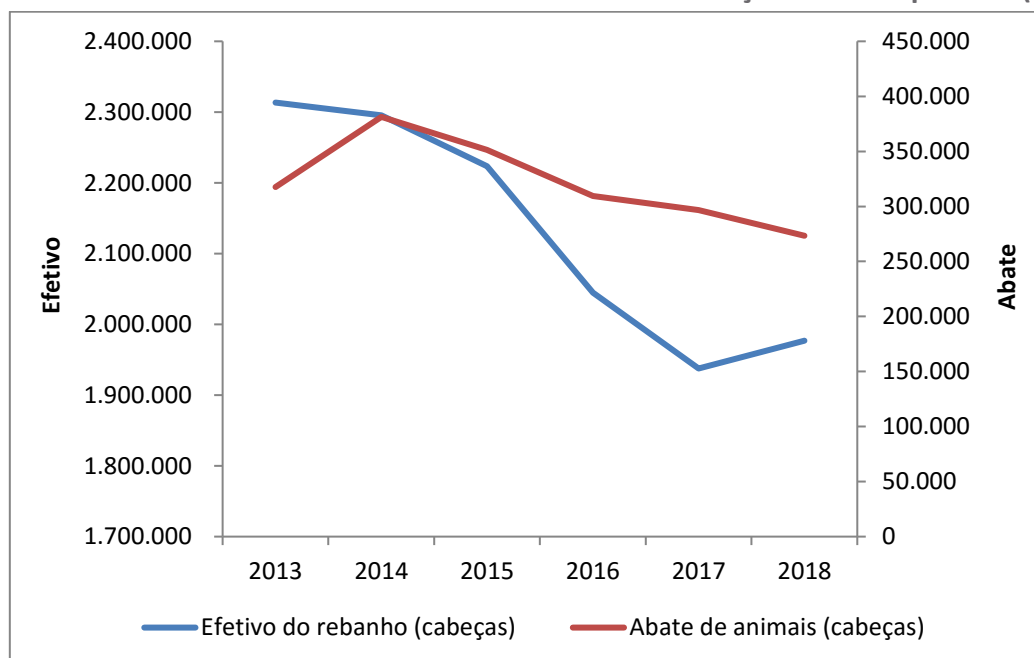
A Minerva Foods está entre as líderes do setor e é a maior exportadora de gado vivo do Brasil.

Atualmente, opera 11 unidades industriais no país, com capacidade de abate de 11.880 cabeças de gado por dia e desossa de 14,928 cabeças por dia. Também, a Companhia possui 9 centros de distribuição localizados próximos aos principais portos da América Latina e as mais importantes rodovias do Brasil, garantindo ao mercado a entrega mais eficiente de uma ampla linha de proteínas animais.

6. PRODUÇÃO CAPIXABA

6.1 INFORMAÇÕES ESTRUTURAIS DA CADEIA DA INDÚSTRIA DE CARNE BOVINA CAPIXABA

Gráfico 5 – Efetivo do rebanho bovino e número de cabeças abatidas por ano (ES)

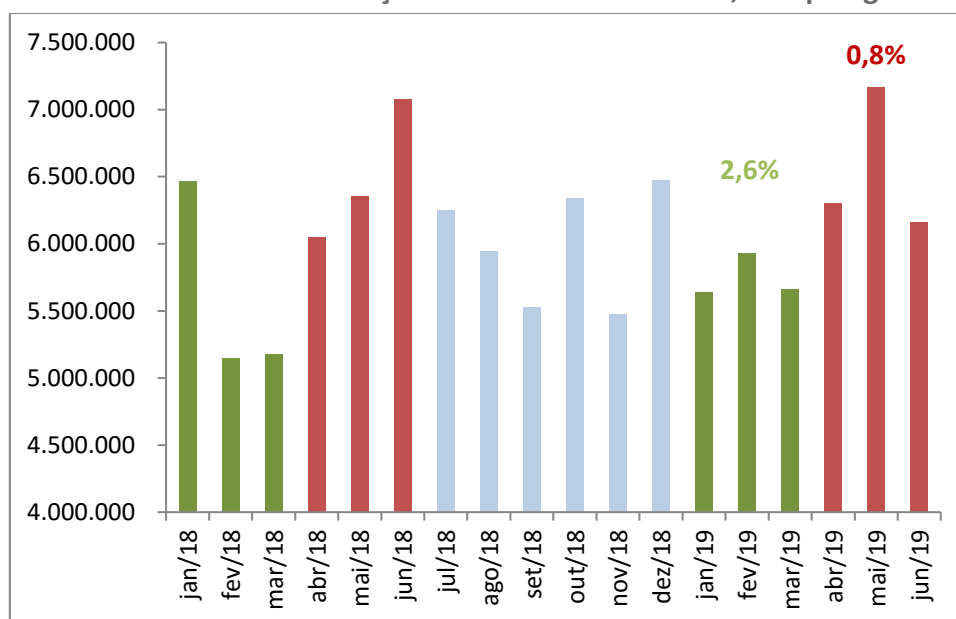


Fonte: PPM - Pesquisa Pecuária Municipal. PTA – Pesquisa Trimestral do Abate.

Tabela 3 – Vínculos ativos e estabelecimentos industriais no setor de carne bovina do ES

Número de vínculos ativos em 2018		Estabelecimentos industriais de carne bovina em 2018			
		SEM RAIS NEGATIVA*		COM RAIS NEGATIVA*	
Anchieta	199	Anchieta	2	Anchieta(+1)	3
Barra de São Francisco	17	Barra de São Francisco	1	Apiacá(+1)	1
Cachoeiro de Itapemirim	1	Cachoeiro de Itapemirim	1	Aracruz(+1)	1
Cariacica	293	Cariacica	1	Barra de São Francisco	1
Colatina	1.654	Colatina	3	Cachoeiro de Itapemirim	1
Conceição do Castelo	2	Conceição do Castelo	1	Cariacica	1
Fundão	357	Fundão	1	Colatina (+2)	5
Guaçuí	1	Guaçuí	1	Conceição do Castelo(+1)	2
Montanha	66	Montanha	1	Fundão	1
Muniz Freire	14	Muniz Freire	1	Guaçuí	1
São Domingos do Norte	1	São Domingos do Norte	1	Montanha	1
São Mateus	11	São Mateus	1	Muniz Freire	1
Vila Velha	3	Vila Velha	1	Pedro Canário(+1)	1
TOTAL 2.619		TOTAL 16		Pinheiros(+1)	1
(n)- Quantidade de empresas do setor no município que declararam a RAIS negativa.				São Domingos do Norte(+2)	3
				São Mateus	1
CNAEs: 1011201: Frigorífico - Abate de Bovinos; 1011205: Matadouro - Abate de reses sob contrato, exceto suínos.				Vila Velha	1
				TOTAL	
(*) - RAIS Negativa: é a declaração da RAIS, na qual são fornecidos somente os dados cadastrais do estabelecimento quando o mesmo não teve empregado durante o ano-base.					
Fonte: PDET/RAIS.					

Gráfico 6 – Peso total das carcaças abatidas mensalmente, em quilogramas (ES)



Fonte: PTA – Pesquisa Trimestral do Abate. IBGE.

Os dados aqui apresentados têm como objetivo apresentar um panorama da indústria de carne bovina no Espírito Santo. No primeiro gráfico (4) observa-se uma queda no efetivo do rebanho bovino no período de 2014 a 2017, justificado pela incidência de uma crise hídrica no estado que prejudicou as áreas de pastagem e, portanto, a sobrevivência dos animais do rebanho. Do mesmo modo, o número de cabeças abatidas no período em questão demonstrou queda.

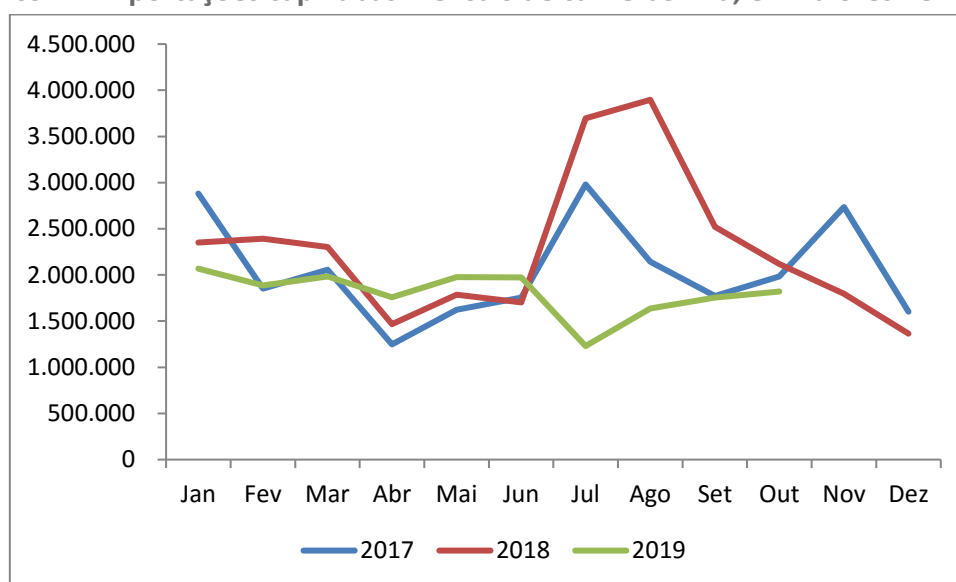
A tabela seguinte (3) é referente aos dados obtidos pela plataforma RAIS quanto aos estabelecimentos formais no estado. A mesma contém a quantidade de empregados por municípios assim como o número de estabelecimentos que declararam a RAIS. Destacam-se os municípios de Colatina, com 1.654 empregados, Fundão, com 357 empregados, e Cariacica, 293 empregados. É necessário salientar que pode haver discrepâncias quanto ao número de empresas observadas pela RAIS e as empresas descritas pelos sistemas SIF e SIE. Isso ocorre por diversos fatores, mas os principais observados são: quando alguma empresa declara Cnae diferente daquela atividade principal esperada que seu estabelecimento realize e/ou o endereço declarado é diferente daquele de sua unidade produtiva.

O gráfico 5 mostra em período mais recente o peso total das carcaças obtidas no abate bovino desde janeiro de 2018 até junho de 2019. Esse gráfico objetiva a exposição da atividade nos frigoríficos capixabas que é disponibilizada pela plataforma Sidra do IBGE. As porcentagens destacadas são as variações trimestrais (1º e 2º) em 2019 comparadas ao mesmo período em 2018.

6.2 EXPORTAÇÕES CAPIXABAS

De acordo com banco de empresas exportadoras⁸, fornecido pela Secex, nos anos de 2017, 2018 e 2019 apenas a empresa Frisa Frigorífico Rio Doce S.A. foi habilitada a exportar seus produtos, o que nos leva a acreditar que os números obtidos na plataforma ComexStat são referentes à movimentação comercial desta empresa. Sendo assim o gráfico a seguir trata das exportações⁹ feitas pela empresa Frisa nos anos de 2017, 2018 e 2019, até outubro.

Gráfico 7 – Exportações capixabas mensais de carne bovina, em valores FOB (US\$)



Fonte: ComexStat. Elaboração própria.

Como pode ser observado no gráfico anterior, houve um aumento das exportações em 11,2% no ano de 2018 em relação a 2017. No entanto, tal aumento não se manteve em 2019, que apresentou queda de 25,4% no acumulado do ano comparado com o mesmo período em 2018, mesmo comercializando com a China. Fato que causa estranhamento quanto à competitividade da empresa no mercado externo e/ou direcionamento de suas negociações, já que a indústria de carne bovina a nível nacional tem visto seus negócios aumentarem com o resto do mundo. Tamaña queda num momento tão favorável ao comércio externo de carne bovina pode ser justificada por uma possível preferência da empresa em ocupar a lacuna no mercado interno que outras empresas brasileiras deixaram ao aumentarem suas exportações.

⁸ Link: <http://www.mdic.gov.br/comercio-externo/estatisticas-de-comercio-externo/empresas-brasileiras-exportadoras-e-importadoras>

⁹ Link da consulta: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral/4579>

6.3 LISTAGEM DAS EMPRESAS CAPIXABAS DO SETOR



Frisa Frigorífico Rio Doce S.A., SIF: 506

Endereço: Rua Fiovarante Rossi, 4000 – Honório Fraga, Colatina – ES, CEP: 29704-700

Telefone: (27) 3732-3200

Site: <https://frisa.com.br/>



Frigorífico Cariacica S.A. (Mafrical), SIF: 1210

Endereço: Rua Governador José Sette, Km 12 – Cariacica-ES

Telefone: (27) 3089-9700

Site: <http://mafrical.com.br/>



FRIGOVIX Frigorífico Ltda – ME, SIE: 109

Endereço: Rod. Do Sol, s/n – Sítio Viegas – Subaia – Anchieta ES

Telefone: (27) 3354-0253



FRIGOFAL Frigorífico Falqueto Ltda, SIE: 122

Endereço: Rod 262, Km 140 – Muniz Freire – ES

Telefone: (28) 3546-1244



Frigorífico Estrela do Sul (FRIESUL), SIE: 129

Endereço: Rod BR 101, s/nº Km 352 – Anchieta – ES

Telefone: (28) 3536-7059



FORTE BOI – Ind. De Alimentos Ltda, SIE: 183

Endereço: Rod BR 101, Km 228 Fundão – ES

Telefone (27) 3267-1144

Site: <http://www.frigorificoforteboi.com.br/>



Frilara Frigorífico, SIE: 143

Endereço: Av. Rio de Janeiro 15, Areinha, Viana – ES, CEP: 29135-000

Telefone: (27) 3344-6845 / 3344-0777

Site: www.frilara.com.br



Frigorífico Cia do Boi, SIE: 166

Endereço: Av. Central, 360 – Parque Res. Laranjeiras, Serra – ES, CEP: 29165-130

Telefone: (27) 3328-6306



Corella Frigorífico, SIE: 205

Endereço: Rua São Paulo Apóstolo, 16 – Tucum – Cariacica – ES, CEP: 29152-395

Telefone: (27) 3090-0202



Mais Boi Frigorífico, SIE: 170

Endereço: Rua das Mangueiras, 5 – Mucuri, Cariacica – ES, CEP: 29148-605

Telefone: (27) 3344-3020

Site: <http://maisboi.com.br/>



Frigocap – Comércio de Carnes Ltda, SEI: 179

Endereço: Rua Santos Dumont, 45 – Vila Independência, Cariacica – ES, CEP: 29148-630

Telefone: (27) 3386-3997



Frigorífico Vitória

Endereço: Rod Governador José Sette, s/n ° Km 13 – Porto de Cariacica, Cariacica – ES, CEP: 29156-700

Telefone: (27) 3434-5151



Frigorífico Zucoloto

Endereço: Viana – ES, CEP: 29135-000

Telefone: (27) 3011-9373

Há outros estabelecimentos certificados pelo SIE¹⁰ que, no entanto, não possuem informações confiáveis quanto ao logo, telefone, endereço e, consequentemente, não foram listadas aqui.

6.4 GARGALOS

6.4.1 PREÇO DA ARROBA DO BOI AO PRODUTOR

Em um relatório elaborado e enviado aos frigoríficos por e-mail, foi observado que vários frigoríficos não possuem própria unidade de criação de gado bovino. Dessa forma, se veem dependentes da oferta do boi na propriedade rural e de toda a sazonalidade que incide na produção.

Ao longo de toda nota técnica foi mencionada a expansão das exportações de carne bovina para a China que passa por período de crise interna de abastecimento da carne suína. Junto a isso, a expectativa de aumento de demanda interna em dezembro e uma oferta restrita de animais prontos pra abate têm refletido nos preços da arroba do boi que atingiram R\$ 228,80 em São Paulo¹¹.

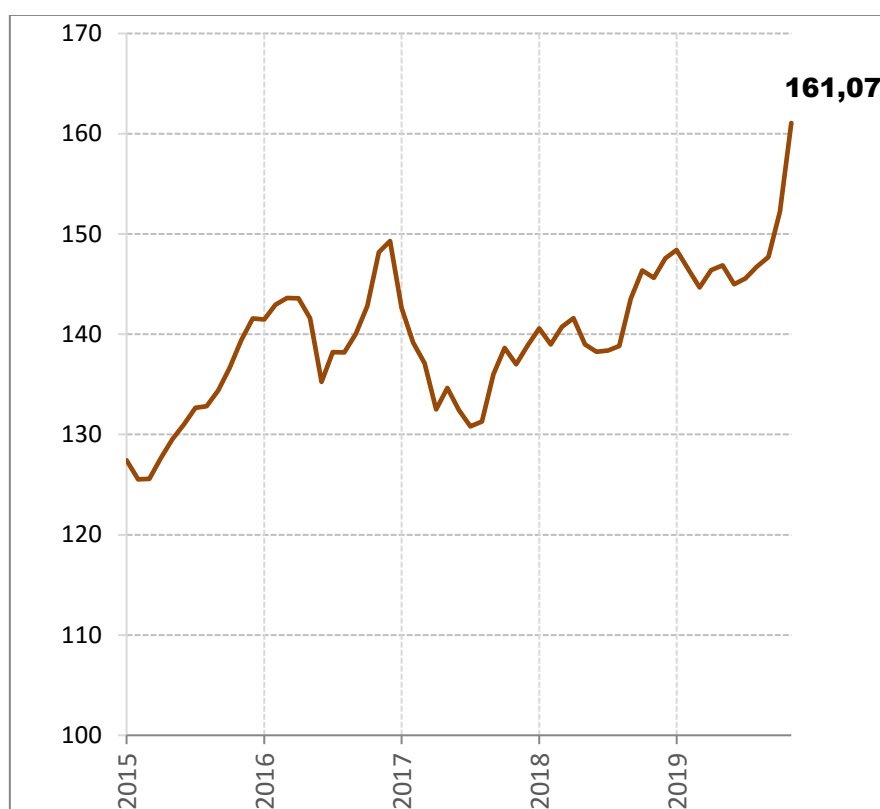
Já no Espírito Santo, o preço da arroba do boi atingiu uma média de 161,07 nas duas primeiras semanas de novembro segundo os últimos relatórios do Incaper. No entanto, foi observada nas cotações diárias, diretamente no site¹², uma média de preço no dia 26/11 de R\$ 184,19. O gráfico a seguir mostra a evolução do preço da arroba do boi no período de 2015 a 2019 (últimos números disponibilizados em 2019).

¹⁰ Lista com todos estabelecimentos certificados pelo SIE no estado:
<https://idaf.es.gov.br/Media/idaf/Acesso%C3%A1rido/1.%20%C3%81rea%20animal/SIE/LISTA%20DE%20ESTABELECIMENTOS%20REGISTRADOS%20NO%20SIE-ES%20-%2016.10.2019.pdf>

¹¹ Leia mais em: <https://www.noticiasagricolas.com.br/noticias/boi/247376-arroba-do-boi-sobe-3404-no-mes-fecha-a-r-22880-e-o-kg-bate-nos-r-16.html#.Xd15nuhKi70>

¹² Disponível em: <https://incaper.es.gov.br/mercado-agricola>

Gráfico 8 – Preço do Boi Gordo no Espírito Santo, em R\$ por arroba



Fonte: Incaper.

Esse resultado visto no estado responde à tendência atual do mercado de gado bovino no país. Consequentemente, esse aumento do preço recai no bolso do consumidor capixaba após o repasse pelos frigoríficos do aumento dos custos de produção. O que se deve observar é a capacidade de cada empresa em aumentar o preço de seus produtos ao consumidor de forma que não implique em redução nas vendas ao migrar o consumo para outro tipo de carne, por exemplo.

Entretanto, visto as condições atuais de mercado acredita-se que esse aumento do preço da arroba do boi gordo não se sustente por muito tempo. A tendência é que com a recuperação do abastecimento Chinês e uma queda na demanda após as comemorações de fim de ano o preço da arroba bovina se reestabeleça e se equilibre em patamares menores.

6.4.2 QUANTIDADE DE FRIGORÍFICOS CADASTRADOS NO SIE

Dentre os 13 frigoríficos listados na seção 6.3 apenas 2 estão cadastrados no SIF – Sistema de Inspeção Federal, que possibilita a comercialização fora do estado. Isso implica, para as demais classificadas no SIE, num mercado consumidor restrito de aproximadamente 4 milhões de habitantes. A possibilidade de vender seus produtos fora do estado reflete num maior potencial da empresa em manter-se no mercado em períodos de recessão econômica e queda no consumo interno.

Dessa forma, pode haver uma contribuição do Bandes em auxiliar uma migração de algumas empresas certificadas pelo SIE para o SIF. As exigências de certificação do SIF¹³ passam por uma série de inspeções em toda cadeia produtiva do frigorífico, desde o abate do boi até sua entrega na unidade de comercialização. Sendo assim, há uma grande janela de financiamento que pode ser explorada pelo banco.

6.5 HISTÓRICO DE FINANCIAMENTO COM O BANDES

Em uma busca no banco de dados de liberações não foi encontrado financiamento relevante em atividades relacionadas à indústria de carne bovina, sendo um total de R\$ 196.551,00 distribuídos em quatro contratos no período de 2014 a 2018.

6.6 SINDIFRIO-ES

O Sindicato da Indústria do frio do Estado do Espírito Santo – Sindifrio ES é o sindicato do setor de carnes do estado associado a Findes que contempla empresas de carne bovina, suína e avícola. As empresas de carne bovina associadas ao Sindifrio são: Frisa, Mafrical, Corella, Forte Boi, Frigofal, Frigovix, Friesul, Frigorífico Zucoloto e Frigorífico Cia. do Boi.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A indústria de carne bovina brasileira passa por um momento difuso onde as empresas exportadoras se beneficiam do aumento da demanda externa e valorização do dólar enquanto os frigoríficos que só comercializam internamente enfrentam problemas com o aumento dos preços da arroba do boi.

Em nível estadual, as exportações não acompanham o restante do Brasil em 2019 e os preços da arroba do boi no mercado aumentaram. O que indica um aumento dos custos de produção nos frigoríficos capixabas que não possuem, em geral, própria criação de gado bovino para corte. Tal aumento é refletido na conta do supermercado do consumidor e deve permanecer em alta até o fim do ano¹⁴.

¹³ Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/assuntos/inspecao/produtos-animal/sif>

¹⁴ Leia mais em: <https://www.agazeta.com.br/es/economia/quilo-da-picanha-e-do-file-mignon-chegam-a-r-6990-na-grande-vitoria-1119>

8. ANEXOS

Box 3: Indústria de carne no Brasil e consumidor pagam mais com exportação maior à China

O Brasil, maior exportador global de carne bovina, está faturando com a maior demanda da China, mas os consumidores brasileiros estão por tabela pagando mais pelo produto nos açougues, enquanto frigoríficos têm sido pressionados a fazer ofertas recordes por bois nas fazendas.

A fome chinesa para preencher o [buraco deixado pela peste suína africana na criação de porcos](#) já é sentida setorialmente nos índices de inflação no Brasil e ainda pressiona margens da maior parte dos frigoríficos do país, segundo especialistas.

Com impulso dos chineses, que elevaram as compras de carne bovina do Brasil em 23,6% de janeiro a outubro, para cerca de 320 mil toneladas, o país exportou 11% mais no período, para 1,47 milhão de toneladas, de acordo com a associação da indústria Abrafrigo.

Além da forte demanda da China [após novas habilitações de indústrias de bovinos pelos chineses](#) -- que passaram de 16 no início do ano para 40 unidades atualmente, segundo a Abrafrigo--, um dólar em máximas históricas frente ao real também favorece as exportações.

"Estamos no auge da captação desses aumentos de preços, a carne vai continuar subindo e vai impor um desafio para a dona de casa. Quando a carne bovina sobe, outras carnes também sobem, ainda que não houvesse razão para isso, elas sobem pela questão da substituição (do produto)", disse o economista do Instituto Brasileiro de Economia (Ibre) André Braz, da Fundação Getulio Vargas, que acompanha índices inflacionários.

Não fossem poucos os fatores de alta, a proximidade das festas de final de ano gera uma demanda adicional por carnes, há o pagamento da primeira parcela do décimo terceiro neste mês e uma oferta mais restrita de bovinos prontos para o abate.

"A gente já está assistindo sim uma alta forte, tem a ver com sazonalidade, e também com demanda chinesa. Isso gera choque de oferta", completou Braz, em entrevista à Reuters.

"Com a chegada do décimo terceiro, o consumidor compra mesmo, e este comprar é o sinal verde para aumento de preços. O dever de casa seria comprar menos, mas vai dizer para a pessoa não celebrar o final do ano?"

Em novembro, Índice de Preços ao Consumidor constatou alta de 6,04% no contrafilé, enquanto em outubro havia subido 2,69%.

"Parte da alta ao produtor é repassada sim, e dado que está subindo ao produtor, a carne vai continuar pressionando inflação em novembro e dezembro...", disse Braz.

Isso em momento em que o preço da arroba do boi gordo, acompanhado pelo indicador Esalq/B3, atingiu um recorde de 204,05 reais na terça-feira, acumulando alta de 19,54% no mês, segundo o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), que também registrou nesta semana nova máxima histórica para a carcaça bovina na Grande São Paulo, de 13,90 reais/kg.

E quem não vende à China

"A gente sabia que ocorreria uma maior demanda por boi para abate, mas não nesta magnitude... O número de empresas habilitadas para a China foi muito significativo", afirmou o presidente da Abrafrigo, Péricles Salazar.

Segundo ele, aqueles frigoríficos que não têm habilitação para a China não conseguem repassar para os seus preços a alta da matéria-prima.

"Margens menores. Tenho recebido a seguinte afirmação: está muito difícil para os frigoríficos que não têm habilitação da China, porque são obrigados a acompanhar o preço do boi daqueles que têm habilitação...", disse.

Ele acrescentou que aquelas empresas que não têm habilitação para exportar à China, que está pagando melhores preços do que outros destinos, conseguem compensar apenas parte do aumento da arroba bovina, já que o mercado interno também está em alta.

Diante da forte demanda chinesa, ele disse que o setor espera ainda este ano novas habilitações de frigoríficos, após cinco unidades de carne bovina terem sido autorizadas na semana passada, incluindo fábricas da JBS e Marfrig.

Entretanto, ele comentou que o preço da arroba do boi a mais de 200 reais não é sustentável, e o mercado deve recuar em algum momento. Quando, ele disse não saber.

Disponível em G1: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/11/21/industria-de-carne-do-brasil-e-consumidor-pagam-mais-com-exportacao-maior-a-china.ghtml>

Box 4: Como a história de um fazendeiro de Ohio explica as dificuldades de abertura comercial para a carne do Brasil nos EUA

Eleitores de Trump, os fazendeiros foram prejudicados pela guerra comercial com a China e resistem ao retorno do bife brasileiro às mesas americanas.

Aos 61 anos, Christopher Gibbs acorda quase todos os dias entre as 2h30 e as 3 da manhã. É certo que, no seu ramo de atividade — Gibbs é fazendeiro, no Estado americano de Ohio —, é preciso acordar cedo para iniciar o trabalho e garantir uma boa safra. Mas o motivo da insônia de Gibbs não é sua produção, e sim as dívidas que tem acumulado desde que o presidente Donald Trump, por quem Gibbs votou e fez campanha em 2016, começou uma guerra comercial com a China.

Sob a justificativa de proteger o mercado nacional e o direito à propriedade intelectual de empresas de tecnologia americanas, Trump impôs tarifas a produtos chineses a partir de 2018. Em resposta, a China taxou a produção agrícola dos Estados Unidos. Assim, o fluxo de commodities dos EUA para a China caiu de cerca de US\$ 24 bilhões, em 2014, para algo em torno de US\$ 9 bilhões no ano passado — e atingiu em cheio o negócio de Gibbs, que ocupa 227 hectares do meio-oeste americano com soja, milho e pasto para um rebanho de gado.

"Nesse momento, os preços da soja, do porco e do milho estão todos abaixo do custo de produção. E não é algo que eu simplesmente possa parar de fazer. Não posso abandonar a terra, deixar de plantar soja e colocar cana no lugar, não dar de comer às vacas. Então é um negócio em que você sangra e não tem como estancar", contou Gibbs à BBC News Brasil.

Fazendeiro há 36 anos, Gibbs espera passar ao filho, de 31 anos e ao neto, de apenas 9 meses, o sustento por meio da terra. Para evitar a falência, pediu um novo empréstimo no banco e está consumindo suas reservas financeiras. Entre junho de 2018 e junho de 2019, o número de fazendeiros que foram à bancarrota aumentou em 13% em comparação com o mesmo período dos anos anteriores, de acordo com dados da American Farm Bureau.

"Não voto mais em Donald Trump. Preciso defender o negócio que quero que meu filho herde. Os movimentos de Trump até agora não nos levaram a negócios melhores, eu não acredito que irão. O que ele está fazendo é liberar subsídios para segurar os votos do agronegócio, que sempre o apoiou", afirma Gibbs, em referência ao pacote de US\$28 bilhões que a gestão Trump já liberou para conter a crise no campo.

E o Brasil nisso?

Isso tudo pode ser apenas um problema doméstico dos americanos. Mas a história de dificuldade financeira e descrença política do fazendeiro Gibbs ajuda a explicar por que o Brasil, apesar de o governo Bolsonaro dar prioridade aos EUA em sua política externa, tem sofrido para obter mais espaço comercial no país.

O governo brasileiro defende que o alinhamento ao país em questões como a aprovação ao embargo contra Cuba ou a tomada de medidas duras contra o regime de Nicolás Maduro na Venezuela, além de uma maior abertura do mercado brasileiro ao trigo e ao etanol americanos, trarão dividendos financeiros ao país — em particular com a reabertura do mercado para a carne nacional.

Em uma palestra promovida pela Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (ApexBrasil) na semana passada, o atual embaixador brasileiro em Washington, Nestor Foster, afirmou que Brasil e Estados Unidos dividem a liderança mundial de produção e exportação de commodities como soja, algodão e cana.

"Alguém pode pensar que somos competidores, mas na verdade somos parceiros, sócios. Há uma sinergia muito positiva", afirmou Foster, em linha com o posicionamento oficial do país.

No mesmo evento, no entanto, o tom entusiasmado do embaixador foi rebatido pelo professor de agricultura econômica da Universidade Purdue Thomas Hertel, que apresentou uma perspectiva das dificuldades dos produtores americanos no momento atual.

"É ingênuo dizer que Brasil e Estados Unidos não são competidores", resumiu.

'A carne brasileira não é bem-vinda aqui'

Os resultados até agora sugerem que Hertel tem razão. No mês passado, a expectativa positiva das autoridades brasileiras foi frustrada quando o resultado de uma auditoria feita por agentes dos EUA em rebanhos no Brasil [negou o retorno do bife brasileiro às mesas americanas](#).

"Eles alegaram lá algumas questões menores de fiscalização sanitária, às quais já respondemos. A verdade é que eles não querem abrir o mercado porque o produtor brasileiro é hoje mais eficiente que o americano e a carne brasileira é mais barata", explicou um diplomata envolvido nas negociações

Dois lobistas que atuam em Washington D.C. ouvidos pela BBC News Brasil afirmam que o setor agrícola tem feito pressão para que o governo Trump não retome a compra de carne bovina brasileira, suspensa desde 2017, após a Operação Carne Fraca apontar que relatórios de qualidade dos produtos brasileiros eram adulterados.

"Por um lado, o Departamento de Estado americano diz que é preciso recompensar o novo comportamento brasileiro na política internacional. Por outro, o Departamento de Agricultura não quer nem ouvir falar na liberação da carne, em um contexto em que os fazendeiros estão já muito castigados. Então há uma queda de braço, o que explica a indefinição", afirma um dos consultores, que atua há mais de uma década com negócios entre América Latina e Estados Unidos.

A entidade de classe dos criadores de gado concorda que não é de seu interesse o retorno da carne brasileira, mas afirma que o motivo não é político — o que poderia ser punido em organismos internacionais como a Organização Mundial do Comércio —, e, sim, científico.

"A carne brasileira não é bem-vinda nos Estados Unidos porque ela não tem a mesma qualidade que se exige do produtor americano. Não podemos arriscar a saúde do consumidor dos EUA, acostumado com um produto de alto nível. Se os brasileiros conseguirem em algum momento ter a mesma qualidade nos produtos que os americanos, eles podem vir competir aqui", afirmou à BBC News Brasil Kent Bacus, diretor de relações internacionais e abertura de mercados da Associação Nacional de Produtores de Carne dos EUA.

Notícia Completa em G1: <https://g1.globo.com/economia/agronegocios/noticia/2019/11/20/como-a-historia-de-um-fazendeiro-de-ohio-explica-as-dificuldades-de-abertura-comercial-para-a-carne-do-brasil-nos-eua.ghtml>

9. REFERÊNCIAS

Anônimo, **Governo de Santa Catarina**. Disponível em:

<http://www.cidasc.sc.gov.br/inspecao/files/2012/08/POR5_88_SIPA_MAPA1.pdf>. Último acesso em 27 de novembro de 2019.

Beef Point. **Rendimento de carcaça x rendimento do ganho do peso**. Disponível em:

<<https://www.beefpoint.com.br/rendimento-de-carcaca-x-rendimento-do-ganho-de-peso-25909/>>. Último acesso em 14 de novembro de 2019.

ABIEC. **Beef Report 2019**. Disponível em:

<<http://www.abiec.com.br/controle/uploads/arquivos/sumario2019portugues.pdf>>. Último acesso em: 27 de novembro de 2019.

ComexStat/ME. Disponível em: <<http://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral>>. Último acesso em: 26 de novembro de 2019.

Embrapa. **Relação de estabelecimentos cadastrados no SIF, 2018**. Disponível

em:<http://bi.agricultura.gov.br/reports/rwservlet?sigsif_cons&estabelecimentos>. Último acesso em: 25 de novembro 2019.

Farmnews. **Principais exportadores de carne bovina em 2018**. Disponível em:

<<http://www.farmnews.com.br/mercado/principais-exportadores-de-carne-bovina-2/>>. Último acesso em: 27 de novembro de 2019.

IBGE. **Pesquisa Pecuária Municipal**. Disponível em: < <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/74>>.

Último acesso em: 25 de novembro de 2019.

IBGE. **Pesquisa Trimestral do Abate**. Disponível em: < <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/1092>>.

Último acesso em: 25 de novembro de 2019.

IDAF. **Estabelecimentos em atividade registrados no serviço de inspeção estadual – SIE**.

Disponível

em:<https://idaf.es.gov.br/Media/idaf/Acesso%20r%C3%A1pido/1.%20C3%81rea%20animal/SIE/LISTA%20DE%20ESTABELECIMENTOS%20REGISTRADOS%20NO%20SIE-ES%20-%2026.09.2019.pdf>. Último acesso em: 25 de novembro de 2019.

Secretaria de Comércio Exterior/ME. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br/comercio-exterior/estatisticas-de-comercio-exterior/empresas-brasileiras-exportadoras-e-importadoras>>. Último acesso em: 20 de novembro de 2019.

Tecnologia do Campo. **Confinamento de gado**. Disponível em:

<https://tecnologianocampo.com.br/confinamento-de-gado/>. Último acesso em 30 de outubro de 2019.